

DOI:10.4025/Scih.pphuem.1621

FOTOGRAFIA RELIGIOSA: A LEITURA DE IMAGENS NA HISTÓRIA DA DIOCESE DE MARINGÁ

Selson Garutti ¹

Resumo: Este estudo compreende a leitura de fotografias, mais especificamente, fotografias religiosas referentes ao episcopado de Dom Jaime Luiz Coelho, 1º Bispo da Diocese de Maringá no Paraná, período episcopal que durou quarenta anos de 1957 a 1997. Com base no acervo constituído de várias imagens, analisam-se quatro categorias de fotografias: arquitetura eclesiástica, episcopado, atividades e corpo eclesiástico. Assinalando o discurso sobre a Igreja, o contexto e suas relações sociais reveladas pelas imagens capturadas. O texto ainda destaca a relevância da documentação iconográfica para o estudo da história eclesiástica, em especial, o estudo da instituição eclesiástica constituída na cidade de Maringá.

Palavras-chave: Diocese, fotografia, representação social.

Introdução

Tendo por objetivo reconstruir as demandas espaço-temporal da diocese de Maringá entre os períodos de 1957 a 1987 e, assim investigar o processo de formação da história institucional das primeiras igrejas instaladas na diocese de Maringá.

A modalidade das igrejas instaladas na diocese corresponde a um modelo de organização administrativo-pedagógica e educacional de igreja com base na graduação templária de classificação dos participantes por grau de atendimento das necessidades, das atividades praticadas nas reuniões, nas salas do edifício, para atender a um grande número de pessoas, na divisão do trabalho e em critérios de racionalização, uniformidade e padronização do ensino da fé. Esse tipo de construção foi considerado o mais adequado para a evangelização em massa e se tornou em pouco tempo o modelo predominante das igrejas em Maringá.

A história da Igreja Católica em Maringá, nesta investigação evidencia os problemas e percalços que envolvem a história das instituições religiosas no Brasil. Nesse sentido, esta investigação busca considerar as implicações da pesquisa em relação à problematização das relações das instituições com o meio sociocultural envolvente e pelo questionamento e (re) construção das representações simbólicas das práticas pastorais educativas que marcam a sua identidade (LE GOFF, 1990). Para isso, considera essas várias relações na tentativa de compreender a relação de uma modalidade específica de templo católico com a sociedade da época e, ao mesmo tempo, explicitar os aspectos internos e externos dessa instituição religiosa, ou seja, a organização administrativo-pedagógica – e os aspectos relacionados à cultura religiosa.

Para o estudo das fotografias religiosas, ficou definido como marco regulatório o levantamento de fontes e dados em arquivos do Museu Histórico da Diocese, bem como em bibliotecas eclesásticas, além dos centros de documentação histórica das igrejas, e ainda, umas tantas fotografias, sendo a maioria delas sem nome dos figurantes, sem data e sem qualquer identificação.

Em quantidade e correspondência à cronologia variada, essa documentação fragmentada, diacrônica e dispersa representa alguns poucos vestígios do itinerário da vida das igrejas paroquiais em seus prédios públicos considerados em (precárias) condições e salvaguardados pelo benefício da vontade de alguns. Quase toda a documentação é de natureza administrativa, o que revela o sentido que as instituições religiosas têm privilegiado ou podido preservar em seus escassos espaços.

Com o passar do tempo grande parte dos registros se perdeu dificultando assim, investigações sobre a ação dos atores sociais e suas práticas. Contudo, os arquivos (mínimos) oferecem um conjunto de fontes documentais relevantes para se investigar as políticas de acesso (oferta e demanda) das formas de recrutamento e seleção de novos fiéis, bem como a caracterização dos clérigos e dos leigos.

A proposta de referencial teórico para usar a fotografia como recurso de documentação histórica nesse trabalho é fornecido por Kossoy (1995), Leite (1993), ___ (1998), Fabris (1991), Barros (1992) e Barros, (1998). As fontes fotográficas utilizadas foram selecionadas em três sites: Fonte 01: <http://www.arquidiocesedemaringa.org.br>; Fonte 02: <http://maringahistorica.blogspot.com>; Fonte 03: <http://angelorigon.blogspot.com>.

O Desafio Interpretativo da Imagem

A pesquisa histórica com o uso de fotografia como fonte documental, utilizando imagens e representação requer uma “educação do olhar”, construindo uma compreensão das representações da imagem, sendo necessário submetê-la a uma crítica que aborde de forma integral a intencionalidade constituída na fotografia efetivamente. Assim, o primeiro passo consiste em considerar uma crítica externa que possa integrar os vários elementos envolvidos como, fotógrafo, tecnologia, foto e objeto registrado, exigindo-se dessa relação uma análise crítica exacerbada. Ainda, a investigação consiste em constituir uma análise sobre as condições de produção da fotografia sob uma crítica interna aos conteúdos da imagem (LEITE, 1993, p. 45). A crítica ao conteúdo, por sua vez demanda uma análise dos contextos humanos e das relações sociais subjacentes à imagem fotográfica.

Kossoy (1998) chama a atenção para as múltiplas realidades da imagem fotográfica em suas variadas dimensões como memória e representação, fruto da produção cultural estética e técnica. Assim, esse exercício se faz como compreensão da imagem como construção do processo de representação o qual significa considerar também os usos ou aplicações que a imagem possa ter em suas possíveis leituras.

Arquitetura Eclesiástica: Lugar Institucional de Memória

A monumental arquitetura eclesiástica maringense, edificada na primeira década da cidade é representante do significado político e sociocultural atribuído nessa época à educação popular. Data-se desse período a construção dos primeiros edifícios especialmente construídos para acomodar a igreja católica como um todo, dotando-a de uma identidade de especial característica.

As fotografias dos edifícios eclesiásticos registram a composição arquitetônica e revelam significados múltiplos que envolvem essa instituição. A produção dessas imagens atendeu a diferentes finalidades. Na primeira metade do século XX, essas imagens se popularizaram principalmente com a difusão dos cartões postais, disseminando assim, o gosto, a produção e a comercialização de fotografias de vistas da cidade. Tanto as igrejas católicas, quanto as ferrovias, as indústrias e os edifícios públicos passaram a compor o cenário do universo urbano, signo da modernidade, transformação e progresso social, cujo registro fotográfico contribuiu para a sua popularização (LEITE, 1998).

Além dos álbuns das famílias, as fotografias de vistas urbanas passaram a ser usadas como postais bem como ilustrações de almanaques, revistas e livros. Com o passar do tempo, o consumo de postais revela-se não só mais acessível às classes populares, mas também sendo capaz de atingir um espectro mais amplo da sociedade, abarcando desde a correspondência pessoal até a divulgação oficial da diocese (FABRIS, 1991, p. 78). Tratando-se de mais uma das várias possibilidades de difusão da mentalidade eclesiástica, sendo possível atestar o desenvolvimento e a importância da cidade de Maringá, as imagens eclesiásticas, tanto em postais, quanto em fotografias, foram largamente utilizadas como promoção e propaganda da ação pastoral católica diocesana (SONTAG, 1986).

Em 1982, em comemoração aos vinte e cinco anos da diocese, foi publicada a primeira edição das três revistas comemorativas da Diocese de Maringá (a 1ª aos 25 anos em 1982, a 2ª aos 35 anos em 1992 e a 3ª aos 40 anos em 1997), em que ficaram registrados todos os edifícios que abrigavam os templos da diocese. Esses três

documentos produzidos pela então diocese, atualmente, faz parte do acervo documental do Museu Diocesano de Maringá.

As primeiras imagens destacam, em primeiro plano, somente a fachada do edifício, deixando transparecer a arquitetura abstraída das relações sociais. Em outras figuram também os membros em segundo plano. Todas elas espelham a Igreja enquanto lugar institucional merecedor de ser exibido e reconhecido, seja pela estética, ou seja, pelo seu significado histórico sociocultural.



Figura 1 Paróquia de Kaloré

Figura 2 - Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Mandaguari

Figura 3 Paróquia São João Batista de Jandaia do Sul

Figura 4 Paróquia São Sebastião de Mandaguaçu

As primeiras igrejas constituídas na diocese são demonstrativas da concepção arquitetônica da diocese de Maringá. As igrejas eram sempre centralizadas em praças no ponto mais alto da cidade, seria como uma separação entre o sagrado e o profano, o tempo do mundo e o tempo de Deus, reproduzindo a citação bíblica. Essa divisão é fruto de uma concepção moral vigente na época, delimitando o espaço da praça como o véu do templo que separa o “Santo” do “Santo dos santos” (A parte mais interior (ocidental) do tabernáculo sagrado (Êx 26, 33ss) e, posteriormente, do templo (1Rs 6, 16ss; 2Cr 3, 8ss) é chamada de “santo dos santos” na literatura veterotestamentária).



Figura 5 Floresta

Figura 6 Itambé

Figura 7 Cruzeiro do Sul

Figura 8 Mandaguari Igreja Bom Pastor

A demanda de espaço eclesial sobejou desde o início a capacidade física dos prédios, lembrando que todos os espaços da diocese foram doados pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, com uma única cláusula de doação, afirmando a doação para pleno usufruto da diocese, mas nunca poderiam se desfazer desses terrenos nem por venda nem por quaisquer outras possibilidades similares.



Figura 9 Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná

Figura 10 Prédio da Companhia Melhoramentos Norte Paraná - vista lateral

Figura 11 antigas instalações da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná 2003

Figura 12 Lado das instalações da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná 2003

Sempre localizada no centro das cidades da diocese, a construção das igrejas era uma tentativa de coerção social que indicava aos diocesanos o dever a ser cumprido e a devoção a ser mantida. Mais que uma casa de instrução dos bons costumes, a igreja informava à sociedade os valores socioculturais morais que deveriam ser vivenciados.



Figura 13 Paróquia São João Batista de Jandaia do Sul

Nesse sentido, a paróquia de São João Batista de Jandaia do Sul, em sua fachada, foi ornamentada com um relógio, o qual é revelador dessa representação, como sendo a Igreja, a instituição de ordenação temporal da moral da vida social daquela população.

Em 1970 se deu início à nova catedral, a qual se tornou a representação social mais contundente não só da cidade, mas da diocese como um todo. Tornando-se cartão postal, objeto de consumo, pronto para ser exibido e admirado. Nessas primeiras décadas, a catedral se tornou símbolo do progresso sociocultural e econômico da cidade de Maringá particularmente e da diocese de forma geral. O enorme volume de produção dos cartões postais evidencia o prestígio da instituição. Servindo assim, para o consumo dos maringaenses e dos diocesanos como espaço afetivo e efetivo, sendo esse espaço a plena representação do progresso da cidade. Representação a qual se articulava e se comparava com outros edifícios públicos e privados da região, tornando-se um símbolo (eclesiástico) de civilização moderna.



Figura 14 Fotos de diferentes momentos da Catedral da Arquidiocese de Maringá

A Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória evoca um tempo significativo da história dessa diocese, o edifício significa uma estrutura de poder institucionalizado. Com sua imagem fixada nas fotografias acaba por recriar o espaço da cidade e passa a ser testemunha de suas transformações.

Com o passar do tempo as edificações foram ficando mais simples, mesmo assim, apesar da perda da monumentalidade, a arquitetura das igrejas manteve a identidade desses estabelecimentos sacros. Um exemplo fundamental disso é a paróquia Nossa Senhora da Liberdade em Maringá, a qual é representativa da modalidade de construção eclesiástica de baixo custo preponderante na diocese nos últimos anos.



Figura 15 Paróquia Nossa senhora da Liberdade em Maringá

O desenvolvimento dessas igrejas, por permanecerem tantos anos sendo construídas, acabou fazendo parte da paisagem do bairro e se tornaram presente nas recordações de todas as pessoas da comunidade.



Figura 16 Várias situações da Paróquia Nossa Senhora da Liberdade em Maringá

Imagem De Uma Identidade Coletiva

Parte do acervo analisado compreende fotografias referentes às primeiras décadas, tiradas geralmente ao ar livre por se tratarem da chegada ou da saída de alguma autoridade eclesiástica em visita à diocese.



Figura 17 Jaime Luiz Coelho era padre e em 30 de junho de 1949 estava em Roma, ao lado do então bispo de Ribeirão Preto, dom Manuel da Silveira D'Elboux, com o papa Pio XII.

Figura 18 Foto de 1980, na residência de Dom Jaime Luiz Coelho, por ocasião da visita do Núncio Apostólico a Maringá.

Figura 19 Dom Jaime Luiz Coelho, Cardeal dom Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo, o cardeal dom Cláudio Hummes, arcebispo emérito de São Paulo, e Dom Anuar Battisti.

Figura 20 Ex-arcebispo de Maringá é nomeado primaz do Brasil

Figura 21 Dom Jaime Luiz Coelho, o arcebispo de São Paulo, cardeal Dom Odílio Scherer e o arcebispo Emérito de São Paulo, cardeal Dom Cláudio Hummes. Ainda o arcebispo de Maringá, dom Anuar Battisti, o arcebispo emérito de Curitiba, dom Pedro Fedalto, e bispos aux.

Figura 22 Dom Jaime Luiz Coelho ao lado de Dom Anuar Battisti, entregando um exemplar do livro de comemoração dos 50 anos da Diocese de Maringá ao Papa Bento XVI.

Esse tipo de fotografia é um gênero bem popularizado na diocese por delinear as relações de poder da instituição. Tanto as fotografias com autoridades (masculinas), que demonstram as relações de poder e controle da instituição, quanto as fotografias com freiras (feminino) que representam o serviço e a obediência à autoridade eclesiástica constituída ou a comunidade, deixam bem delineada a divisão social e sexual predominante na Igreja, desde o início do século XX, motivada e mantida, principalmente por princípios morais. Um dos melhores exemplos disso foi a Irmã Maria Adelheid Ginten, alemã que faleceu aos 86 anos pelos quais 40 foram devotados ao serviço e manutenção da residência episcopal.



Figura 23 No centro a Irmã Maria Adelheid Ginten na residência episcopal.

Figura 24 Enterro da irmã Maria Adelheid Ginten no cemitério das freiras do Santo Nome de Maria.

Figura 25 Freiras espanholas fundadoras do Colégio Santa Cruz no Maringá Velho.

As representações contidas nessas imagens são a expressão da ordem eclesiástica constituída. Enquanto as fotografias de padres e bispos são, ou juntos ou individualizados, as fotografias de freiras são sempre juntas, desta forma, reproduzem a estrutura essencial da autoridade eclesiástica constituída.

As relações de poder na hierarquia delimitam o espaço social de cada grupo ou membro do grupo retratando em ordem decrescente: Papa cardeal, arcebispo, bispo, padre, diácono, seminaristas e, depois disso, as freiras, mantendo-se na representação imagética a estrutura de classes, unidade de racionalização eclesiástica baseada na classificação dos poderes e na divisão social do trabalho, sendo isso um dos critérios que possibilitou uma evangelização de massa na diocese. Na prática da divisão das igrejas em regiões, são dissolvidas as individualidades e sobressai o grupo, enquanto identidade coletiva institucional.

Nesse sentido, a diocese recria a própria identidade e o sentido de pertença ao grupo. A recordação da autoridade constituída é como um microcosmo do grupo de convivência com a ativação da memória constituída. É como construir um vínculo de pertença ao grupo, reconhecendo a identidade com a parte (o fiel na paróquia) e com o todo (a Igreja na diocese) que restitui a dimensão simbólica da instituição eclesiástica como um todo.

A fotografia manifesta ainda a condição social homogênea de grupo de um padrão de comportamento ligado a um enquadramento moral. A origem aristocrática de setores da burguesia é um traço de condição social da autoridade eclesiástica, perceptível nas imagens, nos traços, indumentária e posturas que são denotativos.

Vestígios De Uma Cultura Religiosa

Na memória histórica das instituições eclesiásticas, bispos, padres e freiras são lembrados pelo trabalho, pela dedicação e pela colaboração prestadas às comunidades eclesiásticas de forma geral.

Depois da Proclamação da República e, conseqüentemente, da separação entre Igreja e Estado, o magistério eclesiástico estava se organizando enquanto categoria profissional. O valor atribuído à igreja dignificou a profissão eclesiástica que passou a ser muito bem considerada. O padre era o responsável pela mais nobre missão, isto é, a formação evangelizadora dos cidadãos. Apesar de todas as dificuldades que ainda poderia encontrar, era considerado digno de todo o respeito, reconhecimento, admiração e obediência.

É nessa mesma época que a diocese de Maringá acabou sendo muito bem aceita e aclamada como uma inovação necessária. Considerada como fundamental para o desenvolvimento do norte do Paraná, ela agregou valor social de crédito, mesmo frente a tantas dificuldades e catequese massificada. Nela, as primeiras igrejas buscaram consolidar essa representação social reafirmando a qualidade dos serviços prestados à população e em torno disso erigiram a memória e a tradição das comunidades eclesiásticas.

A história das instituições não pode, portanto, desconsiderar os ritos e os símbolos que fazem parte da cultura eclesiástica. De fato, a diocese, através de suas igrejas, foram próceres na ostentação de muitos desses símbolos sociais, especialmente os relacionados à natureza moral e cívica, cultivando práticas que contribuíram com a invenção e manutenção das tradições relacionadas com a construção do imaginário sociopolítico diocesano. Na tentativa de construir uma identidade institucional, essas igrejas criaram as suas próprias tradições e costumes, algumas com a profunda versatilidade pública. Também os eclesiásticos que passaram pela diocese de Maringá constituem uma plêiade de homens e mulheres, uns ilustres outros nem tanto, a que a diocese reverencia.

Em algumas igrejas encontram-se álbuns de fotografias caprichosamente decorados, contendo retratos dos primeiros bispos, padres e freiras, além de pessoas da comunidade. No entanto, os retratos destacam-se pela individualidade masculina e coletividade feminina, a expressão de qualidades e virtudes, dignas de eternização. Os retratos do bispo e de padres iniciantes das igrejas pendurados na parede são demonstrativos dessa verdade. Nos álbuns de fotografia, o retrato inspira a memória de cada um dos párocos e freiras que doaram a vida em anos de trabalho e dedicação à causa da instrução cristã.

Não obstante, a fotografia do corpo eclesiástico diocesano já não se reporta à galeria dos memoráveis. Diferentemente do retrato individual, essas imagens referem-se à identidade coletiva dos clérigos como *corpus*. Elas transformam os indivíduos em uma categoria institucional, deixando desprender da imagem distinção, respeito e galhardia. O ar grave e austero é expressão do ofício profissional que constitui o *status quo* cristão.

Considerações Finais

Tomados como fonte de pesquisa para a história religiosa, as fotografias eclesiásticas são mais que um testemunho, que uma evocação, pois a intensidade imagética não pode ser redutível a palavras. Nesse sentido, esse trabalho compreende um exercício de leitura de imagens religiosas, como tentativa de explorar e dar voz a esses pedaços de imagens congeladas. Assim, o acervo reunido constitui, ao mesmo tempo, tanto um conjunto iconográfico, quanto um espaço privilegiado de reflexão. As imagens carregam em si a impressão de um tempo vivido, de um tempo religioso dotado de significação e cultura próprias.

As fotografias da diocese de Maringá constituem, portanto, um interessante acervo da memória afetiva da diocese maringaense nos seus primeiros anos testemunhando um passado notável que ao mesmo tempo em que cultuam a memória, também interroga o presente como uma tentativa de alerta para a construção e manutenção da memória afetiva e efetiva.

Referencias Bibliográficas

BARROS, A. M. Educando o olhar: notas sobre o tratamento das imagens como fundamentos na formação do pedagogo. In: SAMAIN, E. (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq 1998.

BARROS, A. M. O tempo da fotografia no espaço da história: monumento ou documento? In: NUNES, C. *O Passado sempre presente*. São Paulo. Cortez, 1992.

FABRIS, A (org.) *Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991.

KOSSOY, B. *Fotografia e história*. São Paulo, Ática, 1995.

KOSSOY, B. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, E. (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq 1998.

LE GOFF, J. *Historia e memória*. Campinas. Unicamp, 1990.

LEITE, M. L. M. Retratos de família: imagens paradigmas no passado e no presente. In: SAMAIN, E. (org.) *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec/CNPq. 1998.

LEITE, M. L. M. Imagens e contextos. *Boletim do CMU*, v. 5, n° 10. p. 45-60, p. 45-60. 1993.

SONTAG, S. *Ensaio sobre fotografia*. Lisboa. Dom Quixote, 1986.

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Especialista em Pesquisa Educacional pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica (PUCSP). Professor de Filosofia pela Secretária de Educação do Estado do Paraná (SEED) - Maringá, PR - Brasil. E-mail: selsongarutti@hotmail.com.